

Sumário

<i>Agradecimentos</i>	7
<i>Prefácio</i>	9
 Introdução	15
 1. O que os arqueólogos descobrem	19
2. As inscrições: quando as pedras falam.....	59
3. Os limites da arqueologia.....	85
4. Qual é a relação entre a Bíblia e a arqueologia?	101
5. Os debates atuais sobre a época de Davi e Salomão ...	129
6. A arqueologia e a redação da Bíblia	155
 Conclusão	169
 <i>Indicações bibliográficas</i>	173

Agradecimentos

Expresso toda a minha gratidão a Alan Millard por suas observações preciosas e por seu prefácio, bem como a outras pessoas que aceitaram revisar esta obra: meu pai, Jean-Luc, Marion Poujol, Matthieu Freyder, Étienne Lhermenault, Sylvain Triqueneaux e Christophe Paya.

Prefácio

— É possível ver o que resta do palácio de Davi em Jerusalém?

— perguntam os visitantes.

— Sim! — responde um arqueólogo. — Encontrei uma parte dos muros.

— Não! — diz outro arqueólogo. — Esses muros foram construídos cem anos depois de Davi!

Por que a arqueologia não é capaz de responder com exatidão à pergunta? Neste estudo, Matthieu Richelle explica com clareza em que a arqueologia pode contribuir para a compreensão da Bíblia e o que ela não pode fazer. Os museus estão repletos de objetos antigos, e a cada ano os arqueólogos fazem novas descobertas, com frequência por acidente, quando fundações são escavadas ou quando novas estradas são abertas na paisagem. Todavia, apesar do grande número de objetos descobertos, é preciso lembrar que muitos outros permanecem enterrados e muitos mais desapareceram. Os tecidos, as peças em couro, vime e madeira se decompõem, mesmo em condições de umidade baixa, o que explica por que grande parte dos materiais do mundo antigo se perde. Somente circunstâncias excepcionais permitem que livros

escritos em papiro ou couro sobrevivam à passagem dos séculos, como aconteceu com os manuscritos de Qumran, no clima árido às margens do mar Morto. Eles têm aproximadamente dois mil anos. Nenhuma cópia mais antiga de livros em hebraico foi descoberta. Haveria de fato cópias mais antigas? Matthieu Richelle aborda a questão controversa da data da redação da história de Israel e de Judá. Ele mostra que é razoável supor que os livros de Samuel dependem de fontes datadas da época de Davi e de Salomão, em vez de serem obras inteiramente redigidas num tempo posterior, como pensa um bom número de autores modernos. Uma parte dos dados apresentados por ele provém de suas pesquisas sobre as antigas inscrições hebraicas da Terra Santa.

Cometeríamos um erro ao abordar a arqueologia na expectativa de fazer descobertas particulares. O arqueólogo busca entender mais acerca de um lugar, de suas construções, de seus habitantes e respectivas atividades, das mudanças ali ocorridas ao longo dos séculos e de suas relações com outros locais. Quando as descobertas revelam alguma ligação com a Bíblia, os arqueólogos devem analisar cuidadosamente os dados antes de tirar conclusões. Os fragmentos de marfim esculpido descobertos em Samaria são indícios do esplendor do palácio de Acabe, ainda que não sejam necessariamente objetos que decoravam o palácio. Existem escritos hebraicos que mencionam a deusa Aserá ao lado do Deus de Israel, mas disso não se deve necessariamente deduzir que todos os israelitas a adoravam.

Matthieu Richelle mostra como a arqueologia pode contribuir para uma compreensão mais clara da Bíblia no contexto do mundo antigo. Ele menciona debates recentes sobre a datação de edifícios que poderiam ter sido construídos por ordem de Salomão, ou de Acabe, um século depois. Comenta que parte da incerteza das conclusões provém do fato de que certos especialistas pressupõem que os relatos bíblicos não têm nada além de poucos fundamentos históricos — em particular os autores de *The Bible unearthed: archaeology's new vision of ancient Israel and the origin of its sacred texts*¹ —, mas também do uso da técnica do carbono-14 para datar as estruturas. O debate não terminou, mas este livro permitirá aos leitores discernir melhor entre os fatos e as hipóteses na análise dos dados.

Interpretadas corretamente, as descobertas arqueológicas e a Bíblia são complementares. Para certas questões e problemas, não há no momento respostas, pois os dados são muitíssimo escassos, algo frequentemente ignorado. Resta, pois, bastante trabalho a fazer, dados a descobrir e muito a aprender. No entanto, os leitores devem saber que a Bíblia é, antes de tudo, um livro de teologia, que exige resposta de fé, ao mesmo tempo que fornece dados que acompanham a fé.

Os capítulos bem estruturados de *A Bíblia e a arqueologia* apresentam uma seleção da contribuição dos arqueólogos,

¹Edição em português: *A Bíblia não tinha razão* (São Paulo: A Girafa, 2003).

acompanhada de avaliação judiciosa e honesta, o que faz desta obra uma confiável introdução ao assunto.

Alan Millard

*Professor emérito de
Hebraico e Línguas Semíticas
da Universidade de Liverpool*



Introdução

Tanto a Bíblia quanto a arqueologia exercem forte fascínio há muito tempo. Essa paixão se exacerba ainda mais quando se trata das relações entre as duas: enquanto alguns procuram demonstrar a veracidade da Escritura pelas descobertas, outros alegam que é possível desmenti-la graças às escavações realizadas em Israel e em outros países do Oriente Próximo. O tema esteve recentemente no centro de diversas tentativas de popularização, por meio de livros e documentários televisivos. Por outro lado, já existem numerosas obras destinadas a apresentar ao grande público descobertas que ilustram os relatos bíblicos.

O presente livro se dirige àqueles que desejam ir além de afirmações precipitadas, buscando assim aprofundar-se nas questões e debates atuais. Busca um objetivo tríplice:

- descobrir o que a arqueologia revela sobre o passado, mas também quais são seus limites, para saber o que é realmente possível alcançar;
- abordar a questão significativa da confrontação entre o que se afirma na Bíblia e o que os arqueólogos descobrem;

- esclarecer as controvérsias recentes com a ajuda da opinião de especialistas e fornecer chaves para a compreensão das discussões subjacentes.

O primeiro capítulo permite um panorama dos diferentes tipos de informação que a arqueologia fornece: um leque de dados em grande parte ignorado que diz respeito tanto à arquitetura quanto à vida cotidiana da Israel antiga. Entre as descobertas, as inscrições ocupam lugar especial, por permitirem acesso a informações preciosas da Antiguidade. Esse é o tema do segundo capítulo, que mostra como os textos desencavados das terras do Oriente Próximo lançam luz sobre os relatos bíblicos. Essa profusão de resultados, no entanto, tem o potencial de subestimar as incertezas inevitáveis em torno da pesquisa. Para não ceder ao sensacionalismo das declarações midiáticas de certos arqueólogos em busca de fama, convém não ignorar os limites inerentes à arqueologia, e é desse ponto que o terceiro capítulo trata.

O leitor estará, então, preparado para abordar a essência do tema: as relações entre a Bíblia e a arqueologia. Como manter uma abordagem equilibrada desse assunto, evitando os riscos simétricos da ingenuidade e do ceticismo injustificado, e ao mesmo tempo escapar do peso das opiniões preconcebidas? E o que acontece concretamente quando os textos bíblicos são comparados às descobertas?

Depois de haver respondido a essas questões gerais, os últimos capítulos são a oportunidade de tratar dos dois

debates atuais mais importantes sobre a relação entre a Bíblia e a arqueologia: “O que se deve pensar das afirmações segundo as quais as escavações demonstram que os relatos sobre Davi e Salomão são em grande parte ficções que exageram consideravelmente as dimensões de seus reinos?” e “É verdade que a arqueologia prova que os textos bíblicos só podem ter sido redigidos a partir do século 8 a.C. em Jerusalém?”.

Por fim, este percurso será um convite para desenvolver uma concepção saudável e justa das conexões entre estes dois domínios apaixonantes — o estudo da Bíblia e o estudo das descobertas arqueológicas.

1

O que os arqueólogos descobrem

Se dependermos da série de filmes representando o famoso Indiana Jones, os arqueólogos parecerão aventureiros em busca de tesouros escondidos que, na melhor das hipóteses, acabam em exposições de museus... É verdade que, entre os pesquisadores, por muito tempo prevaleceu a tendência de privilegiar a exumação de objetos preciosos. Isso ocorria particularmente na egiptologia, uma vez que o vale do Nilo liberou um número espetacular de “tesouros”. A descoberta do túmulo de Tutancâmon e de suas riquezas, que tanto sucesso fez e foi amplamente divulgada na mídia, é um bom exemplo. Os frutos da pesquisa arqueológica, todavia, são muito mais variados e representam uma ampla gama de resultados que este capítulo procurará observar.

1. Redescobrir as cidades antigas

A identificação dos sítios

Pode parecer estranho, mas a primeira questão que os arqueólogos tentam responder tem a ver pura e simplesmente com a identificação dos sítios que escavam. É possível que um lugar seja objeto de todos seus esforços por décadas